

## Dossiê 60 – Antropologia, Pesquisa Museológica e Patrimônio Cultural

### Apresentação

A pesquisa desenvolvida pelas professoras Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert, no âmbito do Banco de Imagens e Efeitos Visuais - BIEV/UFRGS, sobre coleções etnográficas, método de convergência e etnografia da duração, analisando coleções e fundos documentais e os reconfigurando em estudos de sua autoria e de suas/seus orientandas/os, permitem uma aproximação com a chamada Pesquisa Museológica. Cabe aos campos da Museologia e do Patrimônio Cultural se reavaliarem teórica e metodologicamente, considerando essas aproximações teórico-metodológicas com a Antropologia, a fim de encerrarem saltos epistemológicos em sua produção científica, revisando conceitos e categorias da área e buscando outros diálogos. Se valor é a gênese da noção de Preservação, então, a revisão do campo do Patrimônio Cultural passa por uma nova mirada sobre os valores oriundos da sociedade.

A pesquisa museológica se vale da compreensão de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri (BRUNO, 2010) sobre o fato museal, em que o objeto ou as coleções estão em diálogo permanente com os sujeitos por ele/ela representados em um contexto determinado. Objetos, sujeitos e contexto estão em transformação, porém as narrativas acerca dessa interlocução é que irão configurar o tempo e suas discontinuidades. Objeto museológico é conceito, assim como o contexto em que ele se origina é conceituado na descrição extrínseca ao objeto. Quando o bem cultural passa a compor a museália, ele se descontextualiza, para, então, inserir-se aos processos de musealização. A descrição da materialidade e das características perceptíveis do objeto são partes centrais nesses processos, bem como a trajetória deste objeto, antes de chegar ao museu. Eis que situamos, assim, o centro das questões museográficas, no encontro da Conservação (mesmo da Ciência do Patrimônio ou *Heritage Science*) em diálogo estreito com a Documentação Museológica.

O patrimônio cultural se evidencia no primeiro instante da valoração, em que valores consoantes ao contexto social são identificados. Valor associativo, valor de testemunho e valor de diversidade estão no rol do universo semântico das coleções museológicas vistas pela contemporaneidade, seguidos dos tradicionais valores histórico, estético e artístico. A noção de

imutabilidade da Preservação não se confirma, pois os grupos sociais e, conseqüentemente, as sociedades seguem suas transformações. A matéria que compõe os objetos musealizados se transforma, com maior ou menor rapidez e intensidade, dependendo das condições ambientais de guarda e exposição. Os discursos expográficos igualmente se alteram conforme a sociedade e as instituições se repensam.

A Sociomuseologia se destaca como mais um âmbito para refletir as relações dos museus com a sociedade contemporânea. Para este dossiê, propusemos que estudos em pesquisa museológica e patrimônio cultural, que se valham do uso da etnografia e das aproximações com as pesquisas de Rocha e Eckert (2013), sejam aqui reunidos para uma autorreflexão do campo da Museologia e do Patrimônio, assumindo-se como uma área que bebe em fontes teóricas da antropologia urbana, visual e da imagem, especialmente. Apresentamos artigos que operam em termos empíricos com narrativas a partir do patrimônio, processos de investigação do objeto ou documento, e mesmo dos repositórios digitais, através de uma arqueologia da cultura material em seu ambiente cósmico e social, possibilitando a configuração de uma morfologia científica que entrelaça antropologia, museologia e patrimônio nas sociedades complexas da contemporaneidade.

No primeiro artigo deste dossiê, Elisa Casagrande e Margarete Nunes abordam os territórios negros e os quilombos urbanos sob a perspectiva do patrimônio cultural que reconheça as manifestações culturais de populações negras no âmbito dos jogos de memória (Eckert e Rocha, 2005). O texto é um produto da dissertação de mestrado de Casagrande, orientada pela professora e antropóloga Margarete Nunes. A reflexão contempla um olhar sobre o tombamento do Terreiro da Casa Branca, na Bahia, e cita a desterritorialização da população negra em Porto Alegre, mencionando a periferização decorrente das remoções de famílias que ocupavam a Ilhota, no Projeto Renascença, fato que sinaliza a “a ausência de pessoas negras tanto na monumentalidade, quanto no espaço museológico”, conforme pontuam as autoras.

Em “Os valores no patrimônio cultural: reflexão sobre a Tava/Sítio Histórico de São Miguel (RS)”, Ana Luisa Seixas e Eber Marzulo trazem a densidade teórica da tese, em fase de conclusão, da arquiteta e urbanista Seixas, sob orientação do professor e sociólogo Eber Marzulo. O debate se dá no contexto das políticas públicas para o patrimônio, revisando, criteriosamente, cada etapa de proteção ao Sítio Histórico de São Miguel Arcanjo, no Rio Grande do Sul. “O Sítio

Histórico de São Miguel Arcanjo/Tava apresenta diferentes processos de valorização patrimonial há mais de um século, desde a declaração de ‘lugar histórico’, em 1922, até o reconhecimento da Tava em 2014 (âmbito nacional) e 2018 (Mercosul)”, conforme o artigo deste dossiê. Os autores ainda asseveram que “A reflexão sobre o que é patrimônio, no sentido de se estabelecer para quê, para quem e por quem foi identificado, valorizado e definido se torna cada vez mais pertinente, na medida em que se reconhece a relevância constitutiva nas culturas nacionais de povos originários, em particular indígenas”.

No terceiro artigo do dossiê, Leonardo Esteves nos provoca pensar a relação entre patrimônio imaterial e a musealização de objetos do Carnaval de Pernambuco, mais especificamente, dos estandartes do frevo. Assim como no artigo de Seixas e Marzulo, tensiona a compreensão de valores atribuídos ao Patrimônio Cultural, trazendo a citação de Cecília Londres sobre referência cultural, em que a autora explica que, por muito tempo, a noção de patrimônio esteve relacionada à monumentalidade e ao peso material de um determinado bem. Destaca, ainda, a importância das transformações no campo do patrimônio graças a movimentos da Museologia, como a declaração da Mesa de Santiago (1972) e os debates, nas Ciências Humanas, sobre reflexividade, representação do Outro, decolonialidade, entre outros. O relato empírico do texto se refere ao Museu Paço do Frevo e as formas inadequadas de exposição dos estandartes, considerando a sacralidade desses objetos para as agremiações carnavalescas.

Lizandra Bittencourt, Alisson Almeida e Luis Fernando Massoni trazem ao debate a casa como objeto musealizável, a casa-museu. Com referencial teórico baseado na Teoria Museológica, em diálogo com a obra de Gaston Bachelard, Michel De Certeau, Henri Pierre Jeudy, Sandra Pesavento e Eckert & Rocha, os autores analisam as possibilidades de musealização do objeto arquitetônico “morada” ou “habitação” na cidade, tomando como empiria a Casa Eva Klabin, no Rio de Janeiro. Para os autores, “considerar a edificação casa-museu como museália é também considerar a cidade como um grande museu a céu aberto que tem, em suas edificações, patrimônios que ressignificam o espaço e instigam vários tipos de relações com seus habitantes” promovendo, com isso, um debate produtivo para museólogos/as, arquitetos/as e urbanistas, antropólogos/as e demais profissionais que atuam nos estudos urbanos e patrimoniais.

O quinto artigo deste dossiê apresenta um recorte da tese de doutorado de um dos autores, Urbano Lemos Jr, orientada pelo professor Vicente Gosciola, na qual eles analisam a linguagem

do sino e o ofício do sineiro, a partir de uma leitura da obra “História do Mundo em 100 objetos”, de Neil Macgregor, diretor do British Museum. A abordagem sobre o objeto é bastante familiar às pesquisas museológicas tradicionais, nas quais os pesquisadores se debruçam no entrelaçamento entre trajetória, significado e materialidade do objeto/documento em foco.

Em “Patrimônio Artístico e Cultural no Museu Nacional de Belas Artes: reflexões sobre as representações do negro no acervo expográfico”, Ana Teles da Silva e Danielle Maia Cruz nos levam a pensar sobre a “descontinuidade dos esforços de modernização e diversificação do acervo empreendidos na década de 1960”, bem como relatam o processo de aquisição das coleções de arte popular e arte africana no MNBA. Novamente, como em outros artigos deste dossiê, há referência ao aspecto central da preservação, nos estudos de períodos distintos e de trajetória, que trata da valoração, ou seja, dos conceitos de valor identificados no patrimônio, perpassando a atuação do IPHAN e de outros movimentos políticos do campo patrimonial.

No texto da pesquisadora de fotografias históricas, Denise Stumvoll, o objeto analisado é o álbum de fotografia “Vistas de Porto Alegre”, editado no início do século XX, com fotos de Lunara, fotógrafo amador da *Belle Époque*. É um recorte de sua dissertação de mestrado defendida em Artes Visuais, na UFRGS. Conforme Stumvoll: “o álbum propõe narrativas visuais singulares sobre a cidade, ao refletir a trajetória poética de Lunara tanto na escritura, como na produção de suas imagens”.

No oitavo artigo deste dossiê, a conservadora-restauradora e mestre em Museologia e Patrimônio, Fernanda Matschinske, juntamente com a professora Jeniffer Cuty, apresentam a proposta da trilogia museológica: musealização, pesquisa e gestão baseada na Conservação Preventiva, tomando esta forma de conservação como compromisso ético das instituições museológicas. É parte das questões apontadas por Matschinske em sua dissertação de Mestrado, na qual a autora realizou pesquisa de campo em acervos com materialidade plástica presentes em museus gaúchos. O estudo da gestão de acervos através da Ciência do Patrimônio (*Heritage Science*) revela outra face da Pesquisa Museológica, na qual as características intrínsecas dos objetos e a gestão dos riscos a eles associados (estudos sobre os ambientes e as camadas de proteção aos bens culturais musealizados) são o grande desafio de museólogas/os e de gestores de museus.

Matheus Cervo, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS e pesquisador do BIEV/UFRGS, apresenta os passos necessários para a capacitação do/a antropólogo/a para a criação de um ambiente de ensino-aprendizagem com o software livre Tainacan para a gestão e publicação de coleções oriundas da Etnografia da Duração (ECKERT; ROCHA, 2013). O autor destaca a contemporaneidade do debate “sobre a comunicação científica dos registros antropológicos em plataformas que são específicas para a construção de repositórios digitais *online*”. O artigo visa colaborar com o debate sobre preservação digital e recuperação da informação em acervo oferecido à pesquisa na internet.

No décimo artigo do Dossiê, a professora e museóloga Márcia Bertotto e a museóloga Vera Rangel, trazem para a pauta os cruzamentos entre Antropologia Digital, Sociomuseologia e Geografia para as novas possibilidades de museus da contemporaneidade. Ao abordar museus de favela, pontos de cultura e de memória e ecomuseus observam que as memórias têm sido reivindicadas por comunidades, que representam a diversidade da sociedade brasileira na preservação de patrimônios. Políticas públicas para os museus, discussões sobre a importância da Mata Atlântica e do Turismo, para a preservação patrimonial, também estão presentes no artigo.

No artigo “Educação patrimonial: seria essa uma via para revitalizar a compreensão sobre a diversidade cultural?” as pesquisadoras Joyce Rodrigues Macedo e Margarete Fagundes Nunes abordam as relações entre Educação Patrimonial e memória coletiva, tendo como locus de pesquisa o município de Quevedos, no interior no Rio Grande do Sul. A pesquisa de campo levou ao desenvolvimento de oficinas de Educação Patrimonial relacionadas com Arqueologia, com cinco turmas de escolas municipais de ensino básico visando promover “a preservação da diversidade cultural”. Apresentam, ao final do artigo, um plano de ação em Educação Patrimonial.

Na seção Entrevista, apresentamos o diálogo realizado entre as professoras Ana Luiza Carvalho da Rocha e Márcia Bertotto com Jeniffer Cuty. Cuty é arquiteta e urbanista formada pela UFRGS, mestre e doutora pelo PROPUR/UFRGS e atua como professora no Curso de Graduação em Museologia da UFRGS desde 2009, quando foi aprovada no primeiro concurso para seleção de docente realizado para o curso. Sua trajetória no campo do Patrimônio Cultural ultrapassa 25 anos e vem se desenvolvendo por meio da docência, de projetos de pesquisa, da liderança no Grupo de Pesquisa CNPQ GADH – Gestão de Acervos e Direitos Humanos, bem como por meio da

atuação extensionista. A professora já cadastrou mais de 50 projetos de extensão na UFRGS e vem se dedicando ao estudo de acervos científicos e acervos de Arquitetura e Urbanismo.

Por fim, na seção Resenhas, o antropólogo Alex Vailati nos fala sobre o documentário etnográfico *Archivo Lamb*, de Gabriela Zamorano Villareal. Conforme Vailati, “*Archivo Cordero* é uma janela sobre as discontinuidades que a prática da fotografia teve ao longo de mais de cem anos, desde o momento da sua invenção e da sua popularização.”

Finalmente, agradecemos a colaboração de Felipe Rodrigues pela produção da bela capa da revista e à Barbara Mór pelo trabalho de editoração.

Boa leitura!

### **Referências:**

BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura : Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. O Antropólogo na Figura do Narrador. In: *A cidade e o tempo*. Editora UFRGS, Porto Alegre: 2005.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Etnografia da duração: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas*. Porto Alegre: Marcavíslual, 2013.

MOUTINHO, Mario. Sobre o conceito de Museologia Social. Lisboa: *Cadernos de Museologia*, n.1, 1993